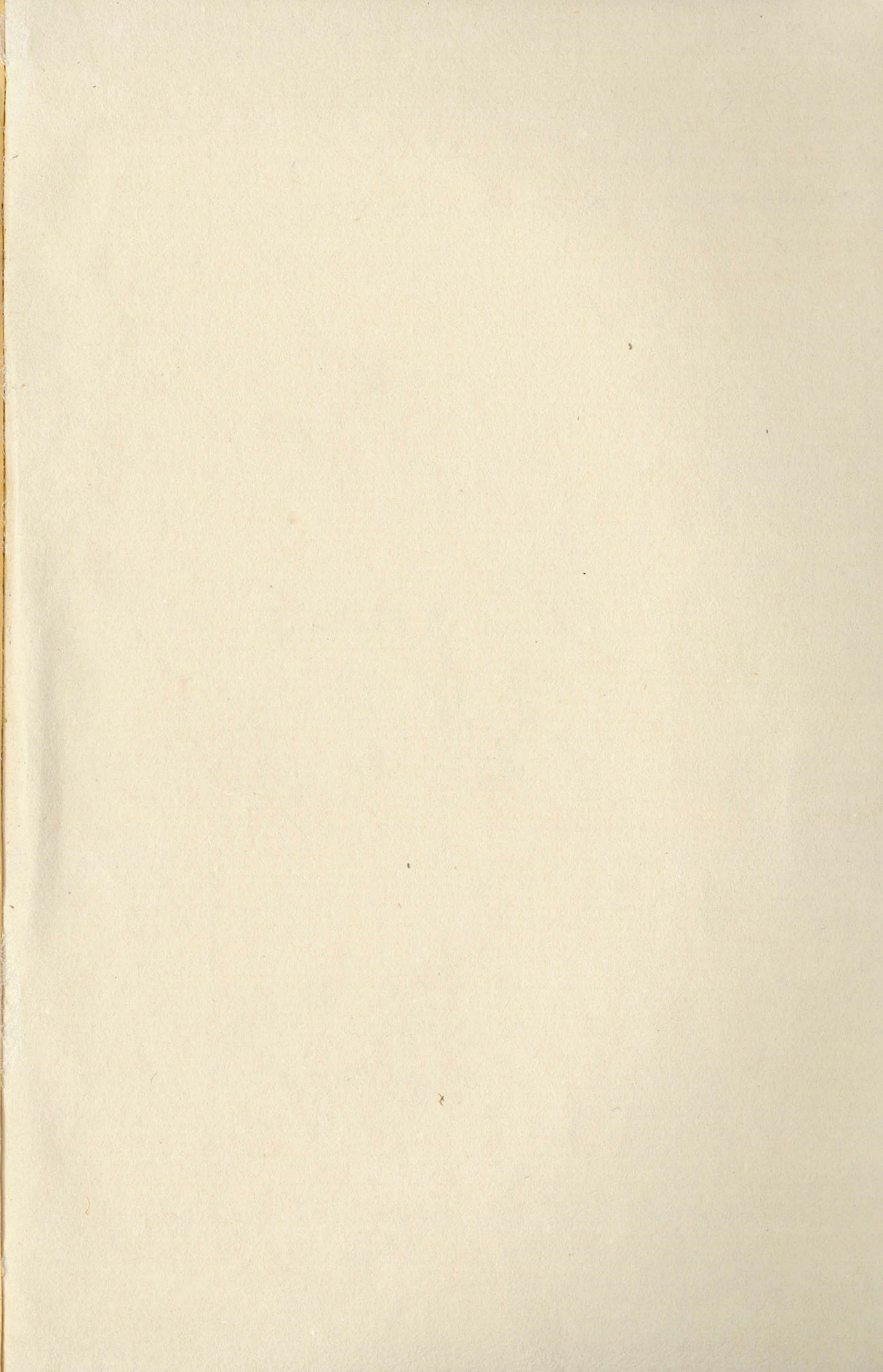


TEIXEIRA DE PASCOES

SENHORA

DA NOITE





SENHORA DA NOITE

OBRAS DO AUCTOR

- SEMPRE — 1897 — 1 vol.
TERRA PROHIBIDA — 1899 — 1 vol.
SEMPRE (2.^a edição) — 1902 — 1 vol.
JESUS E PAN — 1903 — 1 vol.
PARA A LUZ — 1904 — 1 vol.
VIDA ETHEREA — 1906 — 1 vol.
AS SOMBRAS — 1907 — 1 vol.
-

TEIXEIRA DE PASCOAES

Senhora da Noite



PORTO
MAGALHÃES & MONIZ, L.da — Editores

11 — Largo dos Loyos — 14

—
1909

Typ. a vapôr da Emprêsa Litteraria e Typographica
178, Rua de D. Pedro, 184 -- Porto

À MINHA MUSA

Senhora da Manhã victoriosa
E tambem do Crepusculo vencido!
Ó Senhora da Noite mysteriosa,
Pertence-te este livro comovido;

É teu, doce Mulher religiosa ;
Ó Dôr e Amôr ! Ó Sol e Luar dorido !
Corpo que é alma escrava e dolorosa,
Alma que é corpo livre e redimido.

Mulher perfeita em sonho e realidade ;
Venus, Maria ; ou, antes, a Saudade . . .
Ó Eva toda em flôr, e deslumbrada !

Casamento da Lagrima e do Riso ;
O céu e a terra, o inferno e o paraizo ;
Beijo rezado e Oração beijada . . .

SENHORA DA NOITE

Ahi vem a Meia Noite, êrma donzella,
Senhora minha ;
Rosa de sombra que, em botão, é estrella
E ao começar a abrir, é manhanzinha . . .
E ao alcançar a plena puberdade
Voluptuosa,
Despe o traje infantil de claridade ;
Transfigura-se, e é a Noite mysteriosa . . .

Ahi vem a Meia Noite . . . Olhae seu geito,
Seu modo lindo !
E tímido de estrellas, o seu peito,
Sob os beijos de Deus, se vae abrindo . . .

E divinas caricias sensuaes
 O fazem brandamente palpitar...
 Tetas de nevoa! Ó seios espectraes,
 Onde um Menino Deus ha de mamar...

Ó Noite! Ó corpo virgem... Fumo ethereo
 Que a labareda olympica do Sol
 Derrama, entontecendo de mysterio ✓
 A Sybilla, o Poeta e o Rouxinol...

Ahi vem a Meia Noite. Ó arvoredos,
 × Ajoelhae!
 Labios duros e agrestes dos penedos,
 Seus pés beijae!

Ó claras fontes,
 Emmudecei n'um extase profundo...
 É a hora santa e triste! E os horizontes
 Erguem as mãos de nevoa sobre o mundo...

V.
 Gordon m.
 Rossetti

Mãos de terra, de lagrimas e dôr,
Abençoando
A Noite, toda fogo e toda amor ;
Toda, n'um alvoroço, caminhando . . .
É a estranha hora,
Em que o Segredo e o Medo se alevantam . . .
E de mãos dadas, andam lá por fóra,
Nas sombrias florestas que se espantam !

Ahi vem a Meia Noite . . . Ó meu Desejo,
Ajoelha e reza !
E tu, meu claro rio, sê um beijo :
Lagrima, beijo de agoa e de tristeza . . .
Beijo profundo e verde que murmura
Entre salgueiros,
Unido de alma e corpo á terra dura
E aos nevoeiros . . .
Liquida flôr andante e marulhante . . .
× Ó lyrio de agoa aberto, a caminhar
Para o distante
Jardim do mar . . .

Ahi vem a Meia Noite... E a nevoa erguida
Do seio ardente e lubrico das agoas,
Cobre-lhe a branda face enternecida
De suspiros, de lagrimas e magoas...
E a Noite chora, sim; mas não a sua
Dôr consagrada...
Chora por mim, por ti, ó luz da Lua,
As lagrimas que a deixam constellada.
Chora, sim, como as arvores sentindo
Esse orvalhado allivio das manhãs...
Gotas de fogo liquido sorrindo,
Ó doce orvalho! Ó lagrimas pagãs!

Ahi vem a Meia Noite... Olhae, olhae,
Seu vestido nupcial que a Lua fez!
Que lindo! Vinde ver como lhe cáe,
N'um casto alvor de neve, sobre os pés...

Ahi vem a Meia Noite caminhando...
O ruido de seus passos é luar:
Musica de entre nevoas ondulando...
Symphonia de sombra... aéreo mar...

Olhae o vento enamorado e preso
De sua trança que, ao longe, é luz do dia:
Ébano que termina em oiro acêso
E os remotos paizes allumia...

Ahi vem a Meia Noite... Vinde ver
Seus olhos, sua face e seu cabelo...
Como lhe fica bem na fronte, a arder,
O Sete-Estrêllo!

Pôz-lhe no peito em flôr, a linda Tarde
Sombras de lyrios...
E em seus dedos de aneis, crepita e arde
A esbraseada perola de Syrius...

E que formosa vem! Do céo azul
Chovem rosas de luz onde ella passa!
E o ar que faz seu leque é o vento sul,
E o triste luar caindo, é a sua graça...

E a *Lyra* ardente que ella traz na mão,
No azul resôa...
E enquanto dorme o *Taurus* e o *Dragão*,
Sob o seu pêso leve, o mundo vôa...
Que momento divino! Que Esplendor!
Ouve-se Orféu cantar... e a voz magoada
De Eurydice que surge... Ó alta Flôr
Resuscitada!

Ahi vem a Meia Noite... Ó meu Delirio,
De entre a bruma noturna das visões,
Ergue seu corpo vivo, haste de lyrio
Que só deita raiz nas Solidões...

Alta Flôr de penumbra! Ó alta Flôr,
Ó corpo ethereo!
Verbo de sombra, a tua voz de amor,
Enche o lubrico espaço de mysterio!
E tudo se perturba e se deslumbra...
Sáem chammas das fendas dos rochedos...
Ouve-se um cair de beijos na penumbra
Dos arvoredos...

A Meia Noite ahi vem, cheia de graça,
D'álem da serra...

Sob os seus pés, tão leves! se adelgaça ✓

E quasi se evapora a propria Terra!

Tudo o que toca a fimbria illuminada

Da sua saia clara e ^xenterneçada:

Se é rocha, fica em nevoa transformada,

Se é nevoa, fica em rocha convertida!

Tudo, sob os seus pés, se transfigura

Em alma etherea!

✓ | A fonte é só murmurio... e a pedra dura

Perde toda a apparencia de materia...

O mundo é apenas alma... Apparição

Miraculosa e vaga do Passado;

| D'essa Era de sombra e de emoção

E de triste crepusculo parado.

Ahi vem a Meia Noite... Ó Noiva triste,

De olhar tão serio!

Que é do teu Noivo, dize: onde é que existe

O Principe da Sombra e do Mysterio?

Em que paiz de silencio e nevoeiro
Elle te espera,
Tendo em seu coração aventureiro
X Teu retrato de sol e primavera?...

Ahi vem a Meia Noite, a triste Dama...
Silencio! ouvi
Seus passos, sua voz que por mim chama
Tão pertinho, que a ouço mesmo aqui,
No sitio onde me bate o coração,
E aonde minhas lagrimas, cantando,
Tentam as azas de agoa e solidão,
Esvoaçando...

Ahi vem a Meia Noite, êrma donzella...
Vou contar-lhe, baixinho, o meu segredo...
Minha voz, sê murmurio ou luz de estrella
Ou sussurro noturno de arvoredos...
Pois só assim te ouve e comprehende,
Em puro amor;
Que a pobre voz humana, quem na entende
Se perdeu todo o viço e toda a côr?

Se é uma voz já morta e disseca^xda ;
 Morta nos ares,
 Cinza gelada ;

manqué - Mumia de som em labios tumulares...

Por isso, ó triste voz dos labios meus,
 Sê, como, á tarde, um canto magoado ;
 Tão diluido já no azul dos céos,
 Com o sentido já tão apagado,
 Que não pode saber-se o que traduz ;
 Se é mesmo voz humana, ou simplesmente
 O murmurio de sombra e nevoa e luz
 Que deixa atraz de si o Sol Poente...

Tempera-te na voz da Natureza ;
 E falla, como canta um passarinho
 Na embriaguez saudavel da belleza
 Do Sol batendo á porta do seu ninho !
 Sê rasteirinha e humilde como as plantas
 Que nascem nas alturas do Marão ;
 * Como as pégadas lucidas das Santas,
 Como as agoas das fontes no verão...

Ergue a tua aza,
Virgindade de voz que não mentiu!
Verbo resuscitado, voz em brasa,
Ainda quente da chamma que a fundiu!
E falla-lhe de mim, n'este profundo
Silencio que era Voz antes de vê-la;
Aqui, longe do céo, longe do mundo,
Longe de tudo, e só pertinho d'ella!

E seu rosto, que as sombras vão florindo,
Com ar de riso,
Se volta para mim, n'um gesto lindo
De aza a voar n'um céo de Paraizo . . .
E n'uma voz, que evoca e nos recorda
Um murmurio de nevoa ou de luar;
Vago rumor de estrella, quando acorda,
Em seu peito, o desejo de brilhar,
Assim fallou, pousando a sua mão
Na minha frente:
(Lembrava a aza viva d'um clarão
Sobre a terra scismatica d'um monte)

« Quem és tu, que saiste ao meu caminho?
D'onde vens? De que dôr? De que tristeza?
És um Phantasma errante e pobresinho,
Da Natureza?
Sombra de dôr e amôr que ella projecta
Para além do seu corpo indifferente,
N'um estranho delirio de Propheta
E de Vidente?

« Quem és tu? quem és tu, ó Creatura?
Ermo, vago perfil que me faz medo...
Olhar allucinado que procura
Surprehender a Vida e o seu Segredo...

« Embora eu viva, sim, muito distante
De ti; eu comprehendo, eu sinto e vejo,
Por essa tua sombra irradiante,
Tudo o que és em espirito e desejo...
Vê-se bem que essa fronte torturada,
Com alturas de luz, negros recantos,
É toda, lá por dentro, povoada
De Sonhos, de Phantasmas e de Espantos...

*

« E fallou-me de ti, ao luar que exhala
O divino silencio e a solidão,
A voz da Terra, assim como quem falla
D'uma indecisa e vaga aspiração...
E a Terra me dizia: « — Ah! se eu pudesse
Transformar na mais clara Realidade
Esse longinquo sonho que alvorece
Nas distancias brumosas da Saudade?... »

Se meu olhar o visse, e elle ficasse
Perante mim, real e verdadeiro!
E se com estes braços o abraçasse,
Embora n'um abraço derradeiro!
Que é a Felicidade? É ver a gente,
Fóra de nós, o Sonho que sonhou...
Abraçá-lo e beijá-lo eternamente,
E com elle fugir n'um grande vôo!
É tocar com as mãos nossa Esperança;
E sentir o seu pêso, e a gente ver
Que se curva sob elle e que se cança
Até cair de rastros, e morrer! — »

« Mas falla tu, Espectro vagabundo,
Ó Sombra estranha!
Quero ouvir tua voz n'este profundo
Silencio que me cerca e me acompanha...
Eleva a tua voz! Que possa ouvir-se
Em mar e serra!
Que, de echo em echo, vá repercutir-se
Pela formosa imperfeição da Terra... »

« Senhora minha, meu Amor, lhe disse:
Sou um rasto de fumo e nuvem sou;
Brando flóco de espuma á superficie
Da onda que, em seu ventre, te criou...
Onda revolta e verde de esperanças;
Redemoinho genesico a espumar...
Onda coberta de algas e de tranças
De Nymphas, e Amorzinhos a nadar... »

« Eu sou, Senhora minha, a creatura
Rendida dos teus olhos creadores;
Preso aos teus pés gentis de Noite escura,
Que só trilham espuma e pisam flores... »

« Eu sou, ó Meia Noite, aquelle Sêr
Descendente da tua escuridão
Que no seu peito esconde o sol a arder,
Assim como eu escondo o coração!

« Sou o Remoto, o Ermo, o Primitivo,
A Sombra escrava...
Sou humano e sensível fogo vivo
Que na terra e no céu as garras crava!

« Eu sou a estranha Féra enternecida;
X Lobo a rezar em intimo fervor!
E devorando, em forma e corpo, a Vida,
Para a entregar em sonho, em dôr e amôr...
outra vez?

« Sou aquelle que ama; o rasteirinho
De corpo, e de alma clara e alevantada...
Sou a poeira que ergue, em teu caminho,
Tuas saias com rendas de alvorada...
X

g.j.
« Sou o drama sangrento do Poente,
O idyllio esplendoroso da Manhã...
E puz n'um só altar, piedosamente,
Jesus e Pan.

« Sou terra penetrada de raizes ;
Céo trespassado de arvores e flôres...
E em meus olhos alegres e felizes,
A Agoa e a Luz celebram seus amôres.

« Sou invisivel nevoa de alegria,
E de tristeza...
Um fumo de anciedade e de harmonia,
Envolvendo e beijando a Natureza...

✓
« Sou aquelle que sonha extasiado,
E tudo admira !
E vê, subitamente deslumbrado,
Que tem nas mãos a sombra d'uma Lyra !

« Eu sou aquelle Arbusto que se exalta .
E se enternece . . .
Arvore que dá flôr tão clara e alta,
Que é só além das nuvens, que floresce !

« Sou a terra que chora ; terra viva
De Portugal.
E a tua agoa, ó Tamega, deriva
Dos meus olhos : é Fonte espiritual.

« Sou pedra que se funde, mal lhe toca
Um ai de luz, um beijo, um sôpro ethereo . . .
Sou a Voz que os Espiritos evoca,
Sou um ébrio de sombra e de mysterio . . .

« Eu sou o que tu és, ó Noite bella !
E as arvores, a terra, o mar sem fim,
Doce olhar de mulher, riso de estrella,
São phantasmas gerados dentro em mim . . .

« Eu te contemplo e vejo, ó Noite immensa!
 E a luz do meu olhar (estranho dia!)
 Em formas crystallisa a nevoa densa
 Que é tudo que me cerca e me arripia:
 O mar, o céu, a terra, a nuvem pura,
 O teu olhar azul e os arvoredos;
 Tudo o que, emfim, me falla, e que procura
 Rodear-me de Espantos e de Medos!

Sou a Imaginação fecunda e santa;
 A suprema e divina Creadora
 Que dá corpo, verdura e seiva á planta,
 E em bategas de côr, condensa a Aurora...
 E com suas mãos estranhas de Sybilla,
 Ergue da sombra o corpo d'uma flôr...
 E a propria rocha anima-se e scintilla,
 Se ella lhe deita os olhos com amor!

x

« Sou a Imaginação, agoa das fontes
 Que mata a sêde ás almas caminhantes;
 Criei as formas biblicas dos montes
 E os outeiros pagãos e verdejantes...

99.

« E á santa claridade que projecto,
Tudo é belleza e vida esplendorosa...
Sou eu que visto um tragico esqueleto
De carne viva, em flôr, maravilhosa !

« Eu sou a Primavera que apparece,
Coroada de rosas, no horizonte,
N'um passo airoso e lindo que enternece
A propria terra rustica d'um monte...
« Eu sou a Primavera, eu sou a vida
E a voz de Tudo...
Fóra de mim, ha a Sombra indefinida,
O Espectro mudo...
A confusão das nuvens... bruto marmore
Que eu tomo em minhas mãos extasiadas...
E ei-lo donzella e flôr, estrella e arvore ;
A musica das formas animadas...
Figuras immortaes que dão tristeza
Ao olhar que as criou, n'um sonho fundo...
Tambem um Deus chorou sobre a belleza
E formosura cosmica do mundo!...»

E enquanto assim fallava, a Noite bella
Subiu commigo aos cêrros do Marão...
E a Virgem da Manhã, a Alva Estrella,
Luz de milagre e transfiguração,
De seus labios, cantando e rindo, nasce...

— Musica de oiro, a arder e a illuminar...
Seu cabello aloirava; e á sua face
Viam-se as lindas côres afflorar...

E a transfiguração continuava...

E o Sete Estrêllo a arder na sua fronte,
 E Syrius que seus dedos abrasava,
 E a nevoa que subia do horizonte,
 Como a velar-lhe o rosto, brandamente,
 Sumiram-se no ar...

E seu formoso

Corpo cruel de Deusa onnipotente,
 Voluptuoso,
 De pé, sobre a montanha irradiante,
 Envolto em luz de aureolas, e fulgores
 D'um Deus descendo á Terra, deslumbrante;
 Sob uma chuva mystica de flores
 E claridade,
 — Ei-lo sorrindo
 Para o mundo, e este barro de saudade
 Que em meu peito estremece, e vae florindo...

ed. Ei-lo sorrindo e rindo...

E aquelle riso,

Na sua bocca divina e consagrada,
 Era o corpo d'um Anjo, o Paraizo,
 Uma expressão da Luz não revelada!

Um riso que deixava adivinhar
O talhe de seu corpo, e que esvoaça
Em volta do seu ninho e do seu lar,
D'essa boquinha em flor, cheia de graça...

Alto sorriso lucido! Esculptura
De luz de marmore!
O Sonho real é vivo; a Creatura,
A Estrella, a Arvore!

Ó arvore de riso! Alta folhagem
De luz trememente!
Ó rosto alegre, outeiro em flôr, paizagem!
Frescuras de penumbra... agoa corrente...

E a transfiguração continuava...

E a Noite era já Dia...

E o seu olhar,
Por milagre da Côr que despontava,
Era azul, era o proprio azul do ar...

E a Aurora, toda envolta em suas tranças,
Sentiu tocar-lhe a face enternecida
Minha alegria feita de lembranças,
Como é feita de mortes minha vida!

E o Riso de seus labios escorria...

E os asceticos pincaros da serra
Coroavam-se de oiro...

E apparecia
A virgindade mystica da Terra,
D'entre a nevoa chimerica e desfeita
Em lucidez...
Nevoa incorporea já, e tão perfeita
Que era Candura, Altura, Esplendidez...

E eu estava ao pé d'Ella, em confusão
De espirito... E meus olhos contemplavam...

Mal sentia bater meu coração,
Sob os raios de sol que o penetravam...

Em meu peito ajoelhára fervoroso
E deslumbrado...

Muito tempo ficou silencioso
Sobre o meu Sêr, debruços e prostrado...

E ante aquelle milagre repetido
Tantas vezes, mas sempre extraordinario,
Meu coração extatico, aturdido
E solitário,
Olhou em volta, e viu a formosura
Da Terra, e viu o Sol que tudo abrasa;
Viu a Mulher, a Flôr, a Creatura,
O Sonho, a Aza...

E viu na Meia Noite a Madrugada;
A forte, a sã e rustica belleza
D'uma Raça saudavel integrada
No sangue, no esplendor da Natureza...

E viu na Meia Noite a Carne viva
Em sua origem!
Madona originaria e primitiva,
Radiosa Virgem!
Corpo moldado em fogo, alto perfil
Gravado em luz!
Loiras, floridas tranças, mez de Abril,
Mãe de Jesus!

Ó Meia Noite! Ó virgem claridade,
Humilde e triste!
Ó Senhora da Sombra e da Piedade,
Pedindo a Deus por tudo quanto existe!
Senhora do Crepusculo! Ó Senhora
Da Indecisão!
O teu riso de sombra é luz da Aurora,
E o sol a arder teu proprio coração!
Os teus pés são de luz, e a tua fronte
Um esplendor!
E os teus labios vermelhos são a fonte
De eterna mocidade e eterno amôr!

Fallas! e os arvoredos rumorejam,
E na terra, as sementes estremecem!
E as verdes ondas e os crystaes lampejam,
E as mais claras estrellas escurecem...

Por ti, minhas saudades eu espalho,
Ignea trança de sol, Cabello loiro!
E em sete göttas limpidas de orvalho,
Ardem as Sete Maravilhas de Oiro!

à la Rossetti

Sorris! e que diluvio de alegria!
Quantas tristezas mortas a boiar...
E os marmores vibrantes de harmonia,
Ó Grecia! são estatuas a fallar!

Fallas! e logo as fontes e os ribeiros
São côres diluidas murmurando;
E corpos liquifeitos de salgueiros,
Azas e nuvens de agoa, deslizando...

Fallas! e as avesinhas te respondem
Alegremente,
Emquanto as sombras pallidas se escondem
Do sol, o claro heroe, o combatente...

Fallas! e a cotovia é Voz etherea
Presa d'um raio d'oiro!

E o mundo alado
É terra de milagre, alta materia,
Alto bloco de céu crystalizado!

X
A rosa é céu em pétalas fundido ;
A agoa é céu ; a pedra é céu ; Alguem
É céu ; a planta é céu reverdecido
E a sombra que ella dá, é céu tambem . . .

E a Senhora da Noite (que já era
A Senhora da Aurora) caminhava,
N'um verde gesto em flôr de primavera,
Atravez da montanha . . .

E olhava . . . olhava
Os largos e sombrios horizontes
Em ascensões de nevoa e claridade,
Derramando nos valles e nos montes
Sua frescura, alvura e mocidade . . .

E ella andava e sorria, na mais calma,
Divina indiferença . . .

E todo o mundo,
Que fôra sonho e sombra e nevoa de alma,
Agora é um Deus olympico e fecundo !

E Flora perfumava os seus caminhos,
 E atirava-lhe lyrios, bem-me-queres
 E rosas . . .

E os alados Amor^xzinhos
 Voavam em volta d'ella . . .

E a deusa Céres,
 Com sua loira trança em cachos de uvas,
 Sua bocca vermelha, linda e sã ;
 Com a face lavada pelas chuvas *horacio legend.*
 Do outomno . . . a loira Céres, a Pagã,
 Tambem acompanhava a bella Aurora,
 Surprehendida !

E o deus Pan, nas florestas, geme e chora,
 E chorará por ella toda a vida !
 E as alvas, claras Nymphas, em cadencia,
 Dando-se as mãos de neve, alegremente,
 Dançam á luz do sol, na transparencia,
 Na alegria da vida adolescente . . .
 E a lubrica Humidade que amollece
 E sensualisa as plantas e os rochedos,
 É uma sombra de nevoa que apparece,
 E tudo abraça e beija . . .

E mil segredos

*

Andam no ar . . .
E perfumes de flôr e altas canções . . .
Vindos no fresco Zephiro do mar,
Halitos de Sereias e Tritões,
O cheiro vivo e são das maresias,
E sombras de Amphitrite apparecendo
Nas liquidas distancias . . . alleluias
De luar sobre as ondas, comovendo
E perturbando o espirito das agoas,
Pairam na clara e lucida atmospherã
Que enternece a montanha e as duras fragoas,
Como se fôsse a propria Primavera!

E a Aurora vae andando . . . E distrahida,
Muitas vezes compõe o seu cabelo
Com a mão que puzera enternecida
Em sua negra trança, o Sete-Estrêllo . . .
E seu lindo vestido, que lembrava
O luar que nasce,
Agora é côr de rosa, a côr escrava
De sua face . . .

Vêde como ella vae! Que doce andar,
 Tão crystallino!
 Seu corpo vae na terra e vae no ar;
 Pela sombra que faz, é pequenino...

E a sua saia de oiro, rastejante,
 Ergue poeira de beijos... e seus pés
 Imprimem sobre a terra verdejante
 Pégadas de luar e limpidez...

E as suas formas puras e donzellas

× × Vêm-se atravez dos raios que alimpam × ×

O azul espaço ethereo, onde as estrellas,
 Com sêde de penumbra, estiolaram...

E as flores mais tenrinhas, nem sequer
 Vergam sob o seu peso... e a propria bruma,
 Sob os seus pés, é marmor...

Só meu Sêr,

Só elle, olhae! é brando como espuma...

Só elle é nevoa fragil e quebrado

Crystal, quebradas lagrimas de amôr...

Só elle verga e tomba apaixonado

Ante os olhos azues d'aquella Flôr!

E a Aurora vae andando, e illuminando
Elegias de sombra, êrmos recantos,
Concavidades negras, despertando
Os Delirios, os Extases e os Espantos...
Sombras que batem azas... e esmorecem...
Intimas anciedades mysteriosas
Que transparecem
Na expressão phisionomica das Cousas...

E o somno fundo e cosmico dos montes
Se evaporou...
E o somno em que adormece a agoa das fontes,
Na propria voz da agoa se afogou...

E ha só olhos abertos para Aquella
Que, n'um sorriso eterno, a luz derrama...
Porque tudo o que vê seu ar de estrella,
Seu gesto ardente e limpido de chamma,
E seus modos de sol, e seu andar
De nevoa, e seu perfil de Divindade;
Tudo o que, emfim, a vê, fica a scismar
N'uma alegria e luz, que é já Saudade...

Tudo o que a vê, se exalta e transfigura :

A voz humana surge, e o turbilhão

Da Vida augmenta e sobe, e a Creatura

Ergue na luz seu forte coração.

A agoa vòa... é nuvem que se espanta

Ao ver o Sol ; é brando, aéreo marmore.

A alma acorda para a lucta, e canta !

A semente germina, e quer ser arvore.

E a Aurora vae sorrindo sobre a Neve

Que se comove e funde ; e, comovida,

É agoa clara e doce que, ao de leve,

Acorda as terras seccas para a Vida !

E eis que o Frio esmorece ante o Calor,

E no ar se perde...

E a seiva que se anima, é quasi flôr

E folha verde.

E a Aurora vae sorrindo aos desolados

Desertos ; terra de odio e de seccura,

Em cujos êrmos longes magoados

Andam Phantasmas de agoa e de verdura...

E a Aurora vae sorrindo sobre o Mar...
E seu igneo cabello se insinua,
Como caricia de oiro a scintillar,
N'aquella nua,
Limosa carne liquida e ondeante,
Que se abraça amorosa e desejosa
Á rocha, á areia, ao lenho navegante,
E á configuração mysteriosa
Das longas, êrmas praias, (soledades
De areias, fragas rusticas e bruma)
Que são phisionomias de saudades
Que o mar cobre de beijos e de espuma...
Escuros promontorios solitarios,
Sinuosidades verdes, onde as agoas
Adormecem, sonhando... altos calvarios
E duras fraguas...

E a Aurora vae sorrindo sobre o mar,
Ás liquidas e verdes solidões
Que soube genialmente interpretar
O oceanico genio de Camões!

Ó Mar! agoa de lagrimas cingindo,
N'um abraço salgado e nevoento,
A Terra, toda em flôr, chorando, rindo
Com seu cabello arboreo solto ao vento!

Ondas do mar! Estradas de agoa a andar!
Poeira de espumas!
Levae-me, sim! leva-me, ondas do mar,
Á sua Ilha de neves e de brumas!...

Ó Mar! ó Mar! embala a minha dôr!
Ó brancas velas!
Azas prenhes e concavas de amôr...
Ó mastros a apontar para as estrellas!
Ó verdes, ó azues profundidades!
Ó noites sobre o mar! Ó solidão!
Agoa, distancias, nevoas, tempestades,
Meu coração!

E a Aurora vae sorrindo ás lindas Ilhas,
Com grutas mysteriosas, onde ha Fadas,
Deusas colhendo flôres, maravilhas;
Lagos azues, florestas encantadas...

Claras fontes de nectar e ambrosia,
Branças Nymphas fugindo entre o arvoredos;
Verdes outeiros na embriaguez do dia,
Rôxos valles de sombra e de segredo...

E a Aurora vae sorrindo; e aquelle riso,
Claro e fecundo,
Dá um ar infantil de Paraizo
Á velha e ferrea idade d'este mundo...

92
+
E a Aurora vae voando, e vae fugindo...
Ficando atraz de si, em grande magoa,
O mar, paizagens biblicas florindo,
Sob benções de sol e beijos de agoa...
E a Aurora vae fugindo, e vae deixando
Meu corpo envolto em sombras... E nos céos
Voam penumbras mortas, evocando
O divino phantasma de algum Deus...

Divindades caidas e exiladas,
Que invoco, em alta voz, quando a Noitinha,
Em largas e brumosas revoadas,
Do mundo e da minha alma se avisinha...

Divindades caidas que perpassam
Na floresta abrasada do Poente...
E sombras de Amor^xzinhos esvoaçam
E Venus surge, ao longe, vagamente...
E ha Nymphas espectraes apparecendo
Na solidão da tarde que se esfuma...
Iris das Sete-Sombras, descrevendo
O seu Arco de lagrimas e bruma...

E o phantasma de Pan, entre o arvoredos,
Projecta a sombra tragica da Cruz...
Ha vozes na penumbra... e ergue-se o Medo,
Ante a queda dramatica da Luz...
E no triste Crepusculo sombrio
Andam sombras de Faunos... E os pinhaes
Sentem um fundo e gélido arripio,
E sussurram aos ventos espectraes...
E na floresta, as tochas das Bacchantes,
Quasi apagadas,
Bruxuleantes,
Deixam nodoas de cinza...

E magoadas

Nereides, junto ás aguas que murmuram,
Inclinam suas fontes pensativas ;
E seus olhos extaticos procuram
Edades d'Oiro, as Eras Primitivas...

E as Horas entristecem, contemplando
A immaterial Paizagem morta e fria...
Mas, por alto milagre, despertando
Para a vida noturna d'Além-Dia!

E a Senhora da Noite, novamente,
Se transfigura...
E a sua aurea trança resplendente,
Já tem nodoas de sombra...

E aquella pura
E luminosa fronte, d'onde nasce
A divina belleza, entristeceu...
E vieram pousar na sua face
O silencio da Terra e a paz do Céu...

E a Senhora da Aurora é já Senhora
Da Sombra e da Piedade... E o seu olhar,
Que era sorriso e luz, dir-se-ha que chora
E que se fica, extatico, a scismar...
Dir-se-ha que outeiros, valles, pinheiraes;
Que tudo, em volta d'ella, é solidão...
✓✓ | Mas qualquer sitio êrmo não é mais
Do que um esparso e vago coração...
Fumo sentimental, contemplativo...
Mago filtro subtil que se insinua
Em nossa alma e sangue, e corpo vivo
Que tem desmaios intimos de lua...

E a Tarde vae andando... e a Soledade
Segue seus passos d'oiro...

E ao lado d'ella
Humilde e triste, vae minha Saudade:
O que ha em mim de flôr e de donzella...
Esta ternura espiritual que afflue
Á flôr da minha voz... silencio em flôr...
E que meu corpo rustico dilue
Em penumbra de lagrimas e amôr...

E a Senhora da Tarde enamorada
Dirige-se ao poente que, nos céos,
Lembra estranha Babel incendiada
Pelo ciume tragico d'um Deus!

E vae andando

Por penhascos e cêrros; asperesas
Que se vão, pouco a pouco, sepultando
Em branduras de nevoa e de tristezas...

Deliquios de silencio e de penumbra
Pairam no ar... E vem de traz da serra,
Ignoto Sol escuro que se alumbra,
A Noite, a filha pallida da Terra.

E uma tristeza, um gélido desgosto
Ensombra os montes êrmos e fecundos,
Que têm rochedos mesmo á flôr do rosto
E têm rochedos intimos e fundos...

E a Indecisão,
N'um chaotico gesto de loucura,
Lança o desmaio, a syncope, a afflicção
Na Côr que se perturba e desfigura...
E a nitidez violenta das arestas,
Attitudes e formas desfallecem...
E ardem flôres de maio nas giestas,
Ao longo das estradas que entristecem...

E a Senhora da Tarde e da Piedade
Entre Phantasmas vae... e não tem medo...
Porque é um phantasma, sim, minha saudade;
Phantasma é a terra, a agoa, um arvoredos!
Meus sentidos que são? Ermo logar
De Apparições,
Onde, á noite, me empecem, ao luar,
Os Murmúrios, as Luzes e as Visões...

E a Dama do Crepusculo abençoâ
Montes, jardins, desertos e pomares,
E os verdes, sacros bosques que enevôa,
O Sonho que anda esparso pelos ares...

Senhora de ideal melancolia

E de abandono...

Labios de bruma, e voz de claro dia;

Olhos de primavera, olhar de outomno...

Ó Senhora da Tarde! Ó lindo rosto

De commovida luz que é já penumbra...

Mãos de saudade! Ó fronte de sol-pôsto

Que me deslumbra!

Ó Corpo fino e brando que entristece

Os outeiros e os valles nevoentos...

Ó virgem, alto seio onde floresce

A rosa aérea e mystica dos Ventos...

O teu andar, no ar, vae despertando

Vozes, canções que o dia anoitecera...

E teus labios de sombra vão rezando

Desde o Sol-Nosso á Avé-Primavera...

guterres

A Biblia Santa

De Venus, de Jesus, Maria e Pan.

E a luz brilha baixinho... e eis que se espanta

Vendo a Noite que surge... essa Manhã!

Cotovia da Sombra, o môcho pia,

Talvez, quem sabe? alegre e deslumbrado!

O môcho é treva; assim a cotovia

É sol doirado.

E a Suavidade mystica, descendo

Da estrella que, em silencio, chora e arde,

Vae os montes e os campos envolvendo

Em doçuras de nevoa...

E a linda Tarde,

N'um sonho creador, materno encanto,

Sente pousar na fronte, em oiro acêsa,

A Symbolica Pomba, aquelle Santo

Espirito de amor e de tristeza...

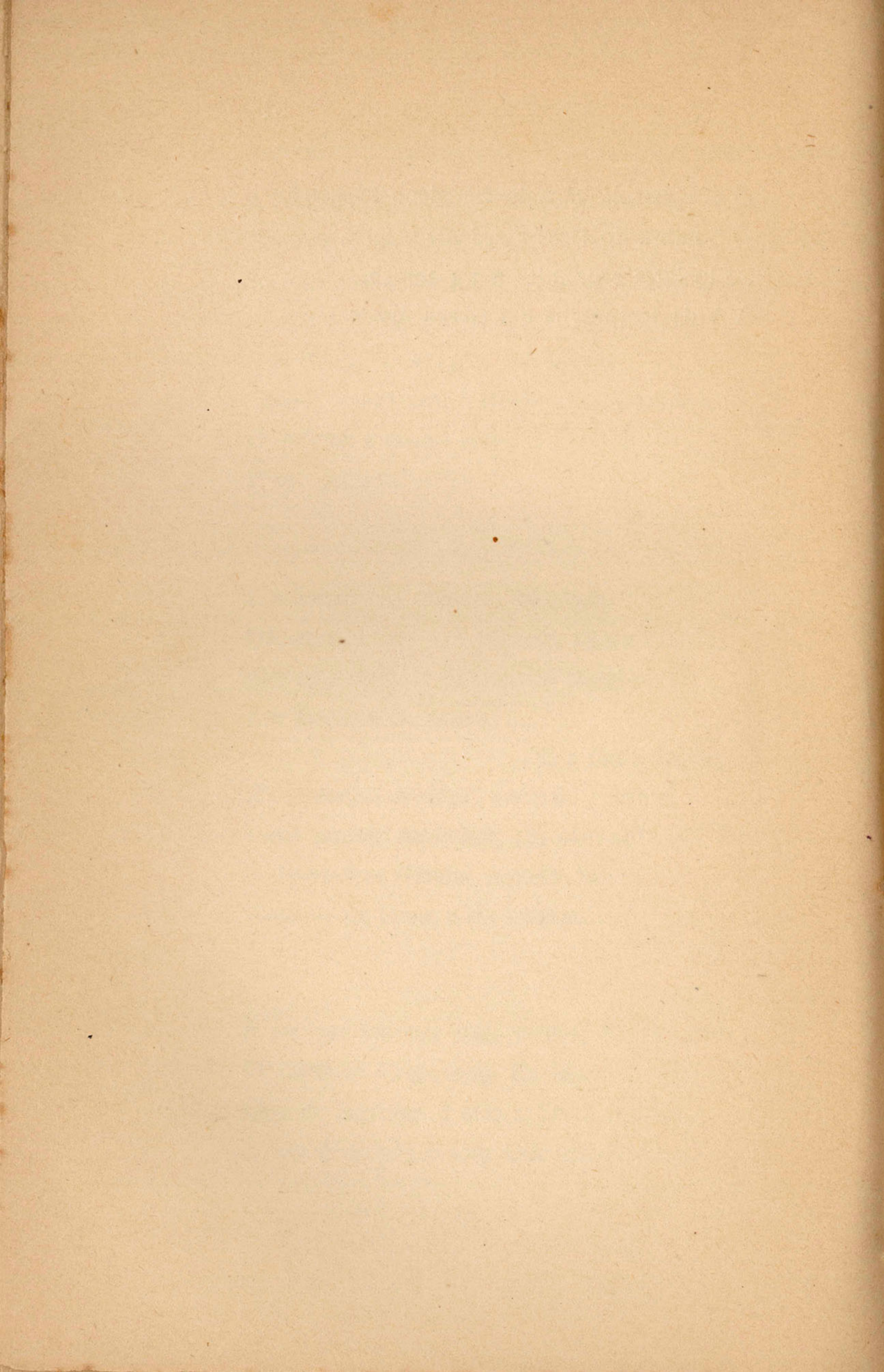
E eis que em seu casto ventre, Ella fecunda

O sombrio Crepusculo Enviado

Que de lagrimas d'oiro a Terra inunda,

E vae deixando o Céu todo estrellado...

Ó Crepusculo erguido em pleno Espaço !
Ó Sombra do Desejo ardente e forte,
Só tu ligas e prendes n'um abraço,
A Vida sempiterna e a eterna Morte.



CANÇÃO FINAL

Ahi vem a Noite velhinha ;
Erma Sombra entrevadinha,
Mal pode andar, de cançada :

Já o Dia se avisinha,
Já vem perto a Madrugada . . .

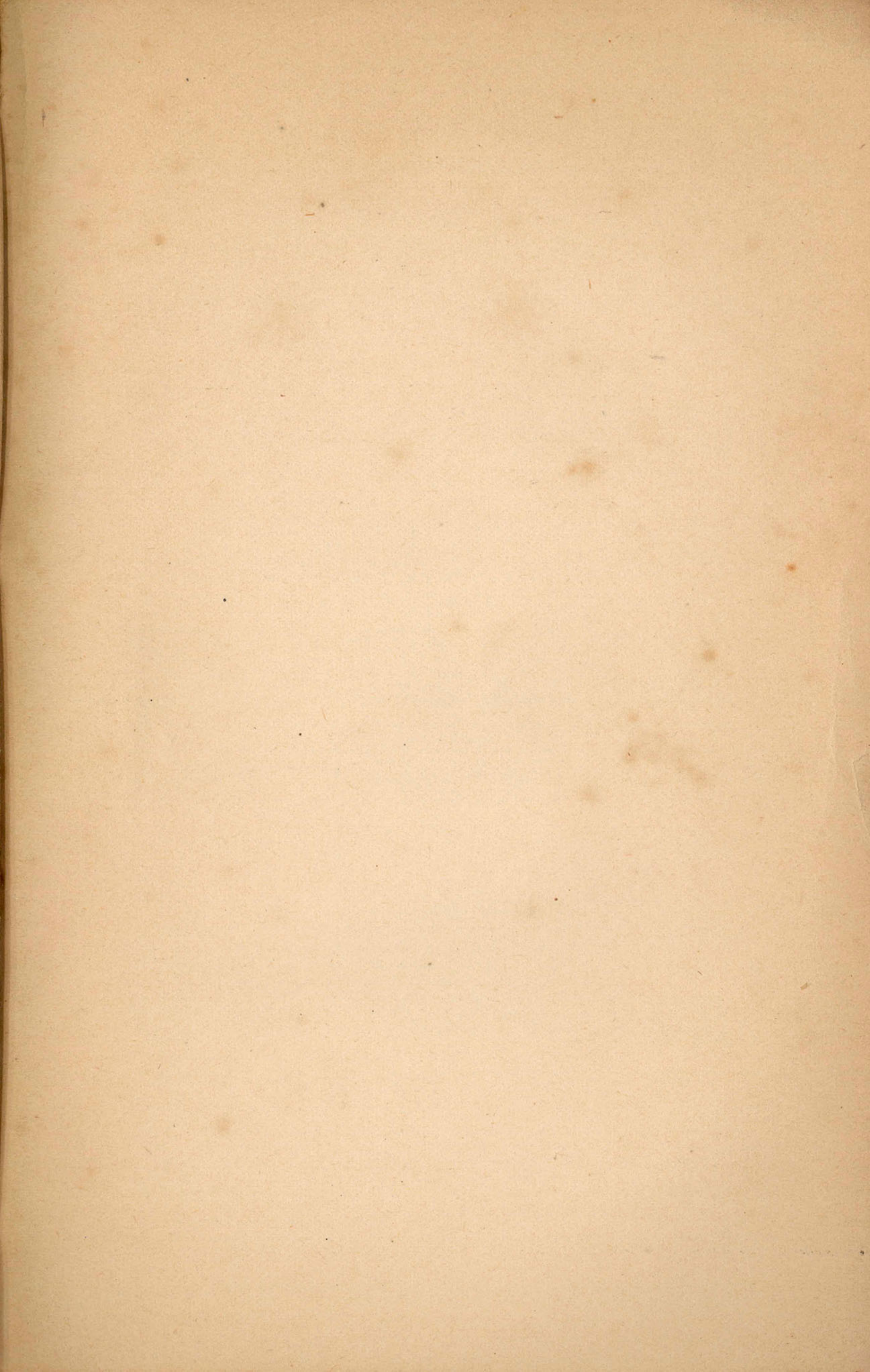
E a Noite triste e sósinha,
Tão pallida e fatigada
Da sua longa jornada,
Deita-se e dorme . . . E a Alvorada
É o somno bom da Noitinha . . .

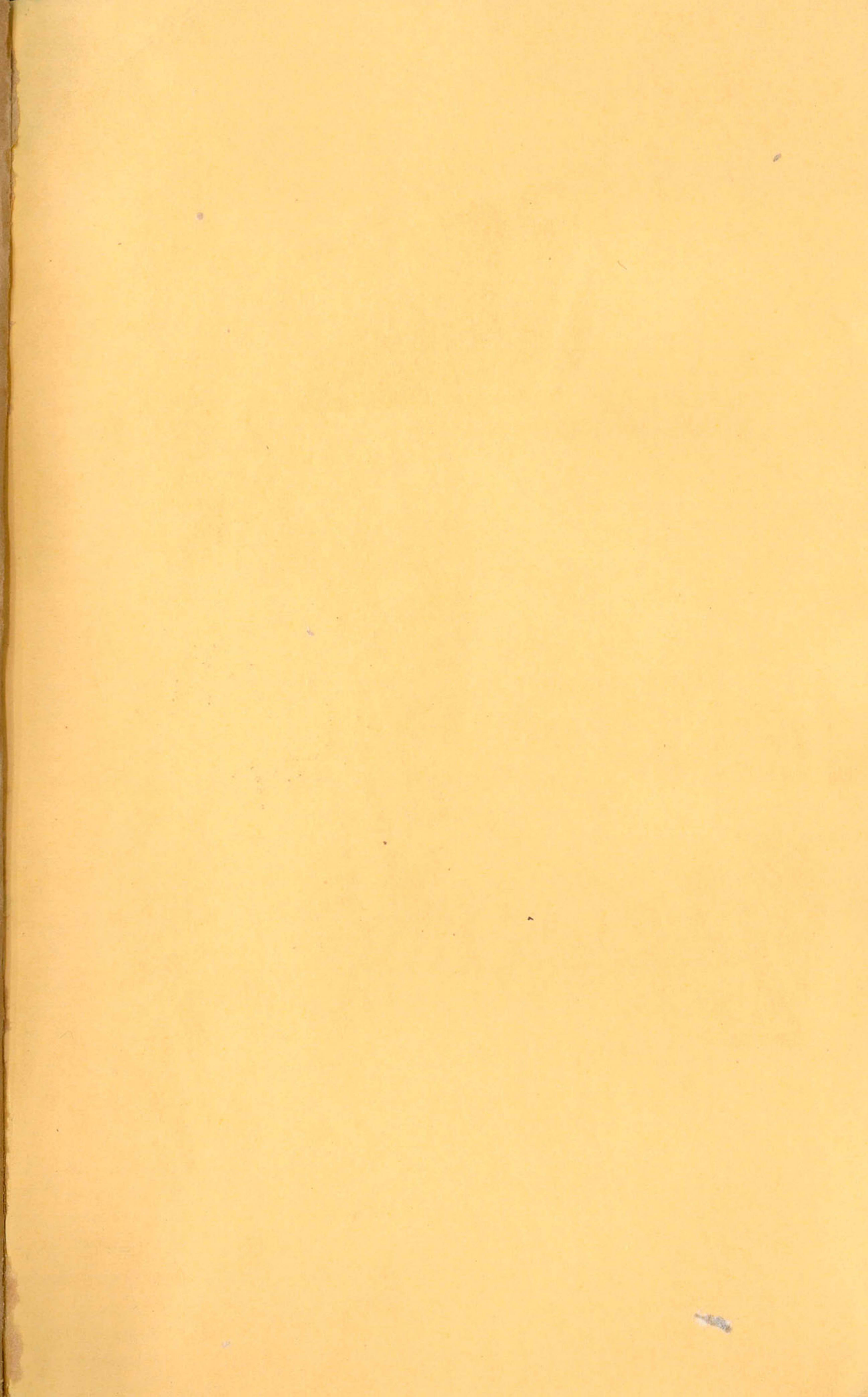
X E a Noite dorme quentinha
Na cama que lhe foi dada...

Dorme, dorme, socegada,
Noite de Deus, sombra minha,
Que o teu somno é madrugada
É vida!

Ó Noite velhinha
Dorme e sonha descansada...

FIM





ULTIMAS EDIÇÕES

DA

LIVRARIA MAGALHÃES & MONIZ

II, LARGO DOS LOYOS, 14 — PORTO

| | |
|---|--------|
| O Elogio dos Sentidos (versos), por Antonio Corrêa d'Oliveira — 1 volume | 600 |
| Mil Trovas Populares portuguezas, colleccionadas e prefaciadas por Agostinho de Campos e Alberto d'Oliveira, 2. ^a edição — 1 vol. | 500 |
| O agonizar de uma dynastia , romance historico — 1 vol. de 406 paginas illustrado, 1\$000; encadernado | 1\$200 |
| Manual do eleitor , por um funcionario administrativo — 1 vol. cartonado | 350 |
| Album illustrado de Portugal , collecção de magnificas phototypias — 1 vol. | 500 |
| Da Madeira ao Alto Zambeze , por Eduardo de Noronha. Obra approvada pelo governo para ser distribuida como premio aos alumnos das escolas primarias — 1 vol. de 230 pag. illustrado, 400 réis; encadernado | 600 |
| Camillo . A sua vida, o seu genio, a sua obra, por Paulo Osorio — 1 vol. com o retrato de Camillo, 800 réis; encadernado | 1\$000 |
| O Palacio das Mil Luzes , romance de costumes americanos, por M. Nicholson, versão livre do inglês, por Eduardo de Noronha — 1 magnifico vol. de 430 pag., 800 réis; encadernado com capa especial | 1\$100 |
| O Filho do Morgado (Aventura d'um caloiro), por Alexandre Malheiro — 1 vol. | 500 |
| O Azebre , peça em 3 actos, por Henrique Lopes de Mendonça, representada no Theatro do Principe Real de Lisboa | 500 |